**Trabalho do tema 24.**

**PROGETEC: Luzia Bento Soares**

**E.E. Zumbi dos Palmares**

**Multiplicadora: Dirce NTE-Regional.**

Os vídeos visa relacionar a proposta quando o autor Pedro Demo diz educar pela pesquisa Desta forma, a proposta de Pedro Demo, de educar pela pesquisa constitui um desafio a ser enfrentado pelos professores brasileiros do século XXI, parecendo, à primeira vista, mais uma utopia. Será possível que está proposta seja vivenciado dentro da realidade de uma nação como o Brasil, onde se vê uma forte desestruturação das famílias, das instituições de ensino e até mesmo de uma concepção metodológica de educação? Seria a proposta de Pedro Demo o método que melhor se encaixa para os nossos alunos? Cabe ressaltar aqui que quando utilizamos o termo “nossos alunos” estão nos referindo à experiência com um público.

O ensino como um conhecimento que não permite dúvidas e as certezas são estimuladas até o fim. O professor “transmite” o conteúdo que foi construído procurando através de sua prática pedagógica punir a dúvida, o erro e o pensamento divergente. Já as pesquisas trazem como resultado somente mais incertezas, aliás, pesquisar é uma forma de trabalhar com a dúvida. Ela só traz conhecimentos provisórios. No entanto, o autor diz que “o pensamento divergente qualifica e enriquece os processos de trabalho e a emancipação é que torna um investigador qualificado”.

Pedro Demo levanta alguns pontos pertinentes que ajudam a estimular a pesquisa no aluno dentro do seu desenvolvimento intelectual e social. Ao analisar a proposta de pesquisa levantada por Pedro Demo, percebemos que o aluno não é um ser ignorante, sem conhecimento, subalterno, mas, sim, agente do seu próprio conhecimento, sujeito de sua própria educação e um parceiro de trabalho em sala de aula. É notável que nem sempre vemos nossos alunos desta forma, como um parceiro – isto para não dizer que nunca o vemos assim. Conhecer tal concepção causa um estranhamento e nos conduz a uma auto-avaliação inquietante.

Para que o aluno possa se sentir motivado a essa parceria, Demo diz que será fundamental vermos a escola como um lugar coletivo de trabalho. Neste sentido, o aluno virá “à escola para trabalhar junto, tendo no professor a orientação motivadora, nem mais, nem menos”. (DEMO, 1996, p. 15). Com esta concepção, a educação deixa de ser somente um ensinar e instruir, como uma espécie de treino e domesticação, para ser, sobretudo, um espaço de formação da autonomia crítica e criativa do sujeito. Assim, o aluno deixará de ser um objeto de ensino para ser sujeito do processo e parceiro de trabalho. Mas como colocar isto em prática? Como fazer esta idéia inovadora funcionar na sala de aula? Como estimular nossos alunos à pesquisa se a ultima coisa que eles queriam era estar ali, sentado naquela cadeira tendo que agüentar a transmissão de um conteúdo que, segundo eles próprios dizem, não serve para nada.

Pedro Demo sugere aqui, que o trabalho em equipe pode ser um estímulo, uma vez que tenha o devido cuidado com a produtividade e a evolução individual, compreendendo o trabalho em equipe não como uma soma das superficialidades, mas como uma capacidade de contribuição de todos os integrantes. Isto constitui um desafio interessante, principalmente para o professor, pois significa privilegiar, sobretudo o aluno que todos deverão buscar uma disciplina ainda mais rigorosa em função do próprio grupo, valorizando o exercício da cidadania.

O video deixa bem claro que o professor não deve ver o aluno como uma tabula rasa, como um ser sem nenhum conhecimento, nenhuma experiência, mas, como já foi dito, como um parceiro, um sujeito do próprio conhecimento. Ou seja, o aluno está inserido dentro de um contexto cultural dominante, dentro de uma família, dentro de uma sociedade, possui acesso a diversos meios de comunicação como televisão, rádio, internet, revistas, jornais, livros, dentre outros.

Dando um passo à diante, Pedro Demo diz que este ponto de chegada, que é o questionamento reconstrutivo, merece uma atenção especial principalmente no que tange a elaboração própria, um desafio que faz o sujeito despertar e ganhar forma, deixando para trás a condição de objeto do conhecimento.

Juntamente com Pedro Demo, tentamos demonstrar neste trabalho que o problema principal desta proposta está, não no aluno, mas no professor. Cabem, então, a cada um de nós, professores, aceitarmos o desafio de vivenciar primeiramente em nós este educar pela pesquisa, mudando nossa percepção de sala de aula, passando a ver o aluno como um parceiro de trabalho que encontra na figura deste “mestre”, um orientador do processo educacional, alguém em quem pode confiar.

**Pedro Demo. Definindo conhecimento científico.**

Num ambiente "pós-moderno" a dinâmica metodológica do conhecimento científico gira em torno da análise teórica e prática da pesquisa como princípio científico e educativo. Segundo Demo, "definir é colocar limites." Portanto, para definir bem, é necessário saber que toda definição precisa reconhecer seus limites e imperfeições. Sendo assim, definir conhecimento científico supõe o ponto de vista de quem define, pois o processo definitório não é coisa irrelevante, haja vista a complexidade dos fenômenos não lineares que não possuem limites estanques e permanecem iguais enquanto mudam. Com isso, "dizemos que aprender é reconstruir, no sentido preciso de que a aprendizagem autêntica desconstrói e reconstrói constantemente seus limites." Neste contexto, definir denota interferência do sujeito no objeto, isto é, decompor um todo nas partes para poder analisá-lo. Logo, observa-se que o conhecimento científico é universal e exige pesquisa e elaboração do conhecimento em questão. Dito isso, o procedimento metodológico do conhecimento científico é o questionamento. Entretanto, questionar não "é apenas resmungar contra, falar mal, denegrir, mas articular discurso com consistência lógica e capaz de convencer." Por fim, conforme Demo, o conhecimento científico precisa satisfazer a critérios de qualidade formal e política para produzir ciência concretamente.

**Interagindo com grupo 06 tema 23.**

**Progetec Luzia Bento Soares.**

**E.E Zumbi dos Palmares.**

**Minhas palavras interagindo com o texto dos colegas, vai ser abaixo do texto letra na cor vermelha.**

**Características que deve ter a pesquisa formativa desenvolvida por docentes e discentes:** Pedro Demo ressalta a noção de pesquisa como principio educativo, formativo. Pesquisar sempre deve envolver procedimentos metódicos. Como todo conhecimento é questão de método, então produzir conhecimento necessita método, ou seja, pesquisar é formalizar, ordenar e padronizar o objeto de estudo. Existem alguns critérios formais para se construir uma boa pesquisa: coerência, consistência, sistematicidade, originalidade, objetivação, discutibilidade. Alguns critérios de cunho político também devem ser levados em conta tais como: intersubjetividade, argumento da autoridade, argumento da perícia, relevância social e ética. Pode-se pesquisar apenas para ganhar dinheiro ou simplesmente por pesquisar. No entanto na escola e na universidade a pesquisa é fundamento discente e docente por razão formativa. A pesquisa não precisa ser unicamente empírica, podemos produzir também textos teóricos, metodológicos, empíricos e textos práticos. Sendo assim a pesquisa vira referência vital na vida escolar, no modo como cada estudante vê as coisas, assim o hábito de questionar vira realidade e vai construindo as habilidades de reconstruir propostas, cenários e expectativas.

O ensino e como um conhecimento que não permite dúvidas e as certezas são estimuladas até o fim. O professor “transmite” o conteúdo que foi construído procurando através de sua prática pedagógica punir a dúvida, o erro e o pensamento divergente. Já as pesquisas trazem como resultado somente mais incertezas, aliás, pesquisar é uma forma de trabalhar com a dúvida. Ela só traz conhecimentos provisórios. No entanto, o autor diz que “o pensamento divergente qualifica e enriquece os processos de trabalho e a emancipação é que torna um investigador qualificado”.

Pedro Demo levanta alguns pontos pertinentes que ajudam a estimular a pesquisa no aluno dentro do seu desenvolvimento intelectual e social. Ao analisar a proposta de pesquisa levantada por Pedro Demo, percebemos que o aluno não é um ser ignorante, sem conhecimento, subalterno, mas, sim, agente do seu próprio conhecimento, sujeito de sua própria educação e um parceiro de trabalho em sala de aula. É notável que nem sempre vemos nossos alunos desta forma, como um parceiro – isto para não dizer que nunca o vemos assim. Conhecer tal concepção causa um estranhamento e nos conduz a uma auto avaliação inquietante.